



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 3 | JUL-SET 2020

## AS IDEIAS LINGUÍSTICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)



## THE BAKHTIN CIRCLE LINGUISTIC IDEAS APPLIED TO THE NATIONAL CURRICULUM OF BRAZIL (BNCC)

Wallace Dantas  
Universidade Federal de Campina Grande, BRASIL

Eliete Correia dos Santos  
Universidade Federal de Campina Grande, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 27/05/2020 • APROVADO EM 17/06/2020

---

### Abstract

This article that fits in the Applied Linguistics context aims to investigate what the bonds between studies from the Bakhtin Circle and the National Curriculum of Brazil (BNCC) document are with a dialogical approach. In order to achieve the proposed objective, the High School stage is analyzed regarding its general competences according to the BNCC. The Bukhtin studies and the Applied Linguistics were used as supporting data for this work, that is an exploratory research and a dialogical analysis of the BNCC. Even though the National Curriculum of Brazil does not clearly show where its theoretical pillars stand, this research conveys, even in its preliminary stages, based on verbal interaction, dialogism, speech genres, and chronotope that the dialogical approach is considerably present throughout the National Curriculum of Brazil document. Thus, it allows a more social and human teaching practice, permitting its subjects to be the main characters of the dialogical approach

pedagogical practice; being totally dialogical, the teaching process shows to be more dynamic, interactional, and responsive, in a process where teacher and student place themselves in each other roles, for any context of the Brazilian basic education.

---

### Resumo

Este artigo, que se encontra no contexto da Linguística Aplicada, tem como objetivo investigar quais os elos existentes entre a abordagem dialógica, proveniente dos estudos do Círculo de Bakhtin, à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para chegarmos ao objetivo proposto, fizemos um recorte e analisamos a BNCC do ensino médio, em especial sua composição e suas competências gerais. Como aporte teórico, usamos os estudos baktinianos e da Linguística Aplicada. Trata-se de uma pesquisa exploratória e de uma análise dialógica do discurso do documento normativo BNCC. Mesmo a BNCC não explicitando em qual base teórica esteja ancorada, constatamos nesta pesquisa, que se mostra ainda preliminar, que a abordagem dialógica, a partir de conceitos como interação verbal, dialogismo, gêneros do discurso e cronotopo estão presentes de forma considerável no referido documento normativo, permitindo, assim, uma prática pedagógica mais social e humana, na qual aos sujeitos envolvidos são protagonistas nesse processo, que é totalmente dialógico e que se mostra cada vez mais dinâmico, interacional e responsivo, no processo alteritário entre educando e educadores, em qualquer contexto da educação básica brasileira.

---

### Entradas para indexação

**KEYWORDS:** BNCC, Bakhtin Circle, Dialogical Approach.

**PALAVRAS-CHAVE:** BNCC. Círculo de Bakhtin. Abordagem Dialógica.

---

### Texto integral

---

“Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da  
linguagem”  
(Bakhtin, 2016, p. 11)

## 1 Introdução

O que hoje compreendemos como Linguística Aplicada (doravante LA) teve seu início na ciência chamada Linguística (KLEIMAN, 1992) através de uma relação interdependente, comum e natural entre a ciência teórica e sua incipiente aplicação. Essa ação, em miúdos, diz respeito às tentativas de aplicação das teorias da ciência Linguística aos estudos e práticas no contexto do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Com o passar dos anos, em especial a partir da década de 90 do século passado, a LA deixou de estar associada apenas ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras para estar atrelada a outras áreas do conhecimento humano. Celani (1992), citada por Molon e Vianna (2012), resumidamente, nos esclarece que a LA apresenta três concepções epistemológicas distintas, no interior da narrativa histórica de construção da LA, são elas: 1) *Linguística Aplicada entendida como ensino/aprendizagem de línguas*; 2) *Linguística Aplicada entendida como consumo, e não como produção de teorias*; 3) *Linguística Aplicada entendida como área*

*interdisciplinar* – tida como “área autônoma que constrói seus próprios princípios a partir da experimentação e de modificações na solução de problemas”, em que essa LA é o “ponto, então, onde o estudo da linguagem se intersecciona com outras disciplinas” (CELANI, 1992, p. 19).

Concordamos com Celani (1992) quando afirma essa relação da LA com outras disciplinas. Neste texto, mencionamos, com especial atenção, a LA com a Educação, ou, melhor dizendo, a LA na Educação, com o olhar voltado para os estudos das Linguagens e suas Tecnologias (para usarmos uma nomenclatura entrelaçada ao contexto da educação básica brasileira). Assim, entendemos que a relação da LA com a Educação é de uma relevância incontestável, principalmente no que diz respeito à formação pedagógica dos professores de línguas em todos os níveis da educação básica. Prova disso, por exemplo, diz respeito às contribuições dos estudos da LA na constituição dos documentos oficiais que fundamentam as diretrizes que devem ser seguidas por todos aqueles que trabalham no ambiente escolar, em especial, os professores na sala de aula.

Essa abordagem interdisciplinar sob o viés da LA só foi possível porque a própria Linguística não deu conta dos aspectos exteriores ao sistema da língua, sendo, então, necessárias observações e estudos com o foco no processo de ensino e aprendizagem da língua. Nesse contexto, concordamos com Rojo (2008), quando essa autora observa nas categorizações da LA, principalmente nos anos 90 do século XX, uma “insistência discursiva no tema da solução de problemas contextualizados, socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação (escolar ou não-escolar) (ROJO, 2008, p. 258).

Percebemos que não há referência explícita ao Círculo de Bakhtin no texto da Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC), motivo que nos leva a fazer uma ligação do dito com as diretrizes dialógicas do discurso. Diante do contexto apontado por Rojo (2008), no âmbito da LA e que perdura até os dias atuais, analisando o documento oficial que rege atualmente a educação básica brasileira, no caso a BNCC, sob o viés das ideias do famigerado Círculo de Bakhtin, este artigo é produzido na tentativa de responder ao seguinte questionamento: Quais elos epistemológicos podemos apontar da abordagem dialógica com a BNCC do Ensino Médio?:<sup>1</sup>

Para respondermos a esse questionamento, pensamos, a partir de um viés dialógico para os estudos da linguagem, que encontra em Bakhtin e Volóchinov<sup>2</sup>, por exemplo, além dos demais integrantes do círculo, em apresentar informações contextualizadoras sobre a BNCC, porque, do ponto de vista dialógico, acreditamos ser importante dialogarmos com o processo de elaboração, aceitação e prática da BNCC. Em um segundo momento, ao apresentar partes do referido documento norteador da educação básica brasileira, expomos trechos, seguidos de análise, que ao nosso ver podem comprovar a presença da abordagem social e dialógica da teoria bakhtiniana.

## 2 Breves notas sobre a BNCC

A Base Nacional comum Curricular (doravante BNCC) é um texto de caráter normativo que define as aprendizagens essenciais que os educandos devem desenvolver ao longo das etapas de escolaridade da educação básica, a saber: Ed. Infantil, Ens. Fundamental e Ens. Médio, de tal forma que os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, à luz do que apregoa o Plano Nacional de Educação (PNE), sejam garantidos ao longo do processo no referido âmbito educacional.

A BNCC deve ser aplicada apenas à educação básica, inclusive porque a LDB (9.394/1996), no §1º do Artigo 1º determina que assim o seja. Esse documento normativo é orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos, visando à formação humana integral e à construção de uma sociedade mais justa, democrática, como também inclusiva, à luz dos fundamentos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

[...] a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação. (BRASIL, 2018, p. 08)

Nesse sentido, a proposta da BNCC é de unificar, através das competências<sup>3</sup> e habilidades, as aprendizagens essenciais para os estudantes. Os segmentos da educação básica, considerando cada contexto, cada particularidade, apresentam suas competências e habilidades a partir de vários fatores, no entanto, existem as dez “competências gerais” que servem como eixo para o trabalho proposto pelo referido documento normativo. A seguir, apresentamos essas dez competências:

#### Quadro 1: Competências Gerais da Educação Básica – BNCC

- 1) Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
- 2) Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
- 3) Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

- 4) Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- 5) Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
- 6) Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
- 7) Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
- 8) Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.
- 9) Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.
- 10) Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Retirado de Brasil, 2018, p. 09-10

Julgamos importante apresentar as dez competências gerais da educação básica, por compreendermos que elas se desdobram e inter-relacionam-se, do ponto de vista didático, nas três etapas do ensino básico, de forma que se articulam na construção de conhecimentos, no desenvolvimento das habilidades, como também na formação de atitudes e valores, nos termos garantidos pela LDB no nosso país.

Para finalizarmos esta seção, precisamos reafirmar, como a própria BNCC assim o faz, o caráter normativo do documento.

A BNCC não foi criada a esmo. Desde a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, temos a garantia de uma educação de qualidade para todos, sendo dever do Estado e da família, ao lado da sociedade, garantir tal direito. No artigo 210, já temos o reconhecimento da necessidade de que os conteúdos trabalhados em sala de aula sejam fixados, no nível fundamental, de forma que possa assegurar a formação básica comum, respeitando os valores culturais e artísticos em âmbito

nacional e regional. A LDB, por sua vez, no Inciso IV do artigo 9 afirma, deixando claro que é dever da União, “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação”. Mais adiante, no artigo 26, a LDB é enfática quando afirma que “os currículos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada [...] por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade”. Dando um salto de anos, em 2014, a Lei 13.005/2014 promulga o Plano Nacional de Educação (PNE) que enfatiza, novamente, a necessidade de implantar, em âmbito nacional, diretrizes pedagógicas para a educação básica, além da base nacional comum dos currículos. Nesse sentido, à luz dos marcos legais, o PNE afirma e reafirma a extrema necessidade de uma base curricular que seja comum ao país, focando na aprendizagem para fomentar a qualidade da educação básica em território nacional. Por fim, em 2017, com a alteração na LDB a partir da Lei 13.415/2017, a legislação começa a usar nomenclaturas novas para se referir às finalidades da educação, são elas: direitos e objetivos de aprendizagem (Artigo 35-A) e competências e habilidades (Artigo 36. §1º). “Trata-se, portanto, de maneiras diferentes e intercambiáveis para designar algo comum, ou seja, aquilo que os estudantes devem aprender na Educação Básica [...]” (BRASIL, 2018, p. 12).

### 3 Abordagens dialógicas na BNCC do ensino médio

A BNCC do Ensino Médio foi a última parte do documento normativo homologada em 2018. Sua construção se deu de forma independente e, talvez, mais complexa, por ser nela onde temos os chamados itinerários formativos que devem ser propostos pelas escolas, considerando suas realidades locais e/ou regionais. A BNCC foi entregue à sociedade em abril de 2018. A BNCC do Ensino Médio, em dezembro do mesmo ano<sup>4</sup>. Seu objetivo primordial, é “garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas demandas e aspirações presentes e futuras” (BRASIL, 2018, p. 461).

A BNCC do Ensino Médio compreende a juventude não apenas como uma mera transição de períodos da vida de um ser, indo da infância à maturidade. Entende a juventude do ponto de vista de condição sócio-histórico-cultural, considerando que os sujeitos nela envolvidos precisam ser considerados dentro de suas múltiplas dimensões. Em outras palavras, a BNCC não pensa em juventude, mas em juventudes. E afirma que, nesse contexto de juventudes no plural, mas entendendo os jovens nas suas singularidades, a escola deve ser acolhedora, no sentido de não excluir nenhuma juventude, promovendo e mantendo, assim, “o respeito à pessoa humana e aos seus direitos” (BRASIL, 2018, p. 463).

Para que possamos dar vida a essas juventudes, devemos ouvir cada uma delas. Isso significa que os espaços às vozes dos sujeitos adolescentes devem ser dados dentro do contexto escolar, dentro da sala de aula. Ao nosso ver, a *interação verbal*, que é um pilar da teoria do chamado Círculo de Bakhtin<sup>5</sup>, é imprescindível para que essas juventudes sejam ouvidas. Não há como imaginar uma sala de aula

desprovida de interação. Não há como pensarmos em uma educação que não leve em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais dos sujeitos nela envolvidos. Como falamos anteriormente, Bakhtin (2016) critica concepções que têm como fundamento a linguagem enquanto uma mera função de formação do pensamento, sem desconsiderar a comunicação, por exemplo. Para o autor russo, a linguagem apresenta uma função comunicativa que vai além de um mero sistema da língua. E é através dessa comunicação social que os sujeitos se fazem, se constroem, se significam e ressignificam.

Nesse contexto, a BNCC do Ensino Médio é clara quando afirmar o protagonismo que os jovens devem ter, ou que a eles devem ser dado. Esse protagonismo permitirá aos jovens uma formação que, unida aos seus percursos e histórias, permitirá a criação de um projeto de vida, “[...] tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos.” (BRASIL, 2018, p. 463). Para isso, o ensino médio apresente as seguintes finalidades, reafirmadas na BNCC (2018, p. 464), mas que estão na LDB, artigo 35:

- I- A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II- A preparação básica para o trabalho e cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III- O aprimoramento do educando como **pessoa humana**, incluindo a formação ética e o **desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico** (grifos nossos);
- IV- A compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática no ensino de cada disciplina.

Observamos que o aspecto humano dessas juventudes, no ambiente escolar, com a BNCC, ganha um destaque que até o século XX não era tão considerado, tendo em vista que, no século passado, o abstracionismo dos conteúdos transmitidos em sala de aula era o que era evidenciado. Esse desenvolvimento humano, pensamos que acontece, em um primeiro momento por meio do diálogo que é, na teoria bakhtiniana, o elemento primeiro da interação verbal.

O Círculo de Bakhtin considera atentamente a diversidade de ideias à luz das diferentes esferas sociais da comunicação, por isso o desenvolvimento da pessoa humana, somado ao desenvolvimento de uma autonomia intelectual, portanto, pensante e ideológica, acompanhada de um pensamento crítico, está alicerçado no diálogo, na interação, no *dialogismo* que é outra ideia basilar do famigerado Círculo (SOBRAL, 2009).

Nessas considerações, é importante esclarecermos que a BNCC não expõe, em seus conteúdos, nenhum teórico e/ou vertente teórica de maneira explícita.

Tomando, então, como ponto de partida para nossa investigação a parte do ensino médio do referido documento normativo, entendemos que as bases das teorias bakhtinianas se mostram eficazes e até mesmo basilares para a compreensão da nova configuração de ensino que está sendo exigida na educação básica brasileira. Entendemos isso porque o meio social, a historicidade dos homens que são organizados socialmente e, acima de tudo, que interagem em condições reais e concretas são aspectos tanto considerados pelo Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2018), quanto pela BNCC do Ensino Médio, em especial (BRASIL, 2018). Não sendo ousados, podemos afirmar que a abordagem dialógica e a BNCC são vozes que se entrelaçam em prol de uma educação mais humana, ética, cidadã, dialógica, provida de alteridade.

Mais na frente, na BNCC do Ensino Médio, temos a sua organização, que está fundamentada em **áreas do conhecimento**, a saber: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, conforme estabelece o artigo 35 da LDB. Para cada área do conhecimento, existem as **competências específicas**, ligadas às competências do ensino fundamental, com as devidas adequações necessárias às especificidades de formação do estudante jovem, considerando as várias juventudes que compõem este segmento. Para não esquecermos, essas competências também orientam a criação dos itinerários formativos que são relativos a cada área do conhecimento.

Nosso olhar, então, a partir deste momento, se deterá à Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias que, no ensino médio, o seu foco está

na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria das práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos **diferentes usos das linguagens**, explicitando seu poder no **estabelecimento de relações**; na apreciação e na **participação** em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2018, p. 471) (grifos nossos)

É importante percebermos que o aspecto comunicativo tão caro ao Círculo de Bakhtin é contemplado na área de Linguagens e Códigos no ensino médio, de modo a desenvolver um sujeito socialmente interativo, participativo e integrante de usos diversos da/na linguagem humana. Essa comunicação é a realização concreta da interação verbal, porque toda e qualquer palavra provém de alguém e a outro alguém se dirige (VOLÓCHINOV, 2018). Concordamos com Molon e Vianna (2012, p. 148), no que diz respeito à comunicação para o Círculo, que ela “é justamente o processo de expressar-se em *relação* ao outro, e não simplesmente *para* o outro. É esse *em relação* [...] que configura a dinâmica da interação verbal/discursiva”. Em outras palavras, esses usos diversos das linguagens; o desenvolvimento da criticidade dos sujeitos jovens; a autonomia, o protagonismo e a autoria das diferentes práticas languageiras; o estabelecimento das relações e a participação em diversas manifestações, pertencentes às várias esferas sociais humanas, tudo isso só



é possível a partir da comunicação, realização máxima da interação verbal/discursiva.

Chamamos a atenção para o protagonismo tão evidenciado na BNCC do Médio e na Área de Linguagens, através dos vários usos dessas linguagens, em situações diversas. Esse protagonismo deve ser compreendido a partir da inclusão de todos no *processo* a ser desenvolvido durante os alunos de escolaridade e para além dela. Esse mesmo protagonismo dialoga com o *outro* que é tão central no pensamento do Círculo de Bakhtin, além do eu. Esse *outro* é tão ativo na interação, nas relações sociais e dialógicas quanto o *eu*. Significa dizer, em outras palavras, que na interação todos são protagonistas, essenciais e agentes. Para usarmos termos bakhtinianos, os sujeitos ocupam uma ativa posição responsiva. Isso, portanto, além de ser protagonismo, é dialogismo.

É importante falarmos que, na Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, temos a Língua Portuguesa, a Arte, a Educação Física e a Língua Inglesa (obrigatória) como componentes curriculares constituintes. Os estudos dialógicos, do gênero do discurso, da interação verbal, em território nacional, são estudos mais no contexto de língua materna na LA. No entanto, entendemos que esses aspectos teóricos podem ajudar na fundamentação teórica das outras disciplinas que compõe a referida área, já que o aspecto social perpassa por todas elas. Nesse momento, nos remetemos ao que apresentamos na Introdução deste artigo, quando apresentamos as concepções epistemológicas propostas por Celani (1992) no que diz respeito ao fato da LA ter um caráter interdisciplinar. Neste momento, os estudos dialógicos no contexto da LA são importantíssimos para melhor organização de como se estrutura a área de Linguagens na BNCC, como também, e não menos importante, para o fato de auxiliar o professor no conhecimento teórico necessário para aulas que se pretendem exitosas. Sobre esse aspecto, não podemos deixar de mencionar os ditos de Oliveira (2019) quando afirma a importância de abordagens interdisciplinares no contexto da LA. Compreendemos, na análise que ora fazemos neste artigo, que a LA, a partir da teoria dialógica, é de primordial importância para se entender o discurso da BNCC na área de linguagens.

Nesse sentido, para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, foram desenvolvidas competências específicas que devem ser desenvolvidas durante todos os anos de escolaridade do ensino médio. A seguir, transcrevemos todas elas (BRASIL, 2018, p. 490):

1. Compreender o **funcionamento das diferentes linguagens** e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos **na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social** e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
2. Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as **práticas sociais de linguagem**, respeitando as diversidades e a **pluralidade de ideias e posições**, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados

na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, **o diálogo**, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza.

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, **protagonismo e autoria na vida pessoa e coletiva**, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

4. **Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso**, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

5. Compreender os processos de produção e negociação de sentidos nas práticas corporais, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressão de valores e identidades, em uma perspectiva democrática e de respeito à diversidade.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre **as linguagens artísticas para dar significado** e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

7. **Mobilizar práticas de linguagens no universo digital**, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, **para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas**, e de aprender a aprender nos campos da ciência, **cultura**, trabalho, informação e **vida pessoal e coletiva**. (grifos nossos)

Nos itens que grifamos, podemos perceber que os aspectos sociais e interacionais voltados aos vários componentes curriculares da área em questão são cobrados de forma contundente. Na primeira competência, por exemplo, as diferentes linguagens e seus conhecimentos, somadas às práticas diversas no contexto da cultura na qual se insere o sujeito socialmente construído, são cobrados de forma a se permitir a produção de diversos discursos nos diferentes campos de atuação social. Observamos que as esferas sociais, práticas variadas no contexto cultural, a construção de vários enunciados ‘concretos’ são evocados nessa competência de forma direta ou indireta.

Na segunda competência, observamos o destaque “as práticas sociais de linguagem” concepção genuinamente bakhtiniana. Não podemos esquecer que é essa prática social imediata, ligada ao meio social mais amplo, no qual o sujeito de encontra, que o enunciado bakhtiniano se construirá. Para Volóchinov (2018), os sujeitos (no nosso contexto, os jovens) são históricos e sociais e culturais,

organizados socialmente, que interagem em condições concretas e materiais de existência.

O diálogo também é outra ação que deve ser desenvolvida nessa etapa da educação básica, conforme preconiza a BNCC, no caso em questão, do ensino médio. O diálogo ao qual a Base faz referência não diz respeito apenas a uma mera conversa entre pessoas, no sentido de ouvir, quando se está falando. O diálogo aqui solicitado se faz cotidianamente, no tempo e espaço dos sujeitos ativos e responsivos, observando a cultura na qual estão inseridos. É o diálogo que leva ao dialogismo. E, por dialogismo, *grosso modo*, entendemos ser a compreensão de que um enunciado sempre será a resposta a outros vários e incontáveis enunciados anteriores que, uma vez concretizados, darão possibilidades de concretização para enunciados futuros. Por enunciados, por sua vez, entendemos que seja uma fala verbalizada entre sujeitos socialmente organizados, fala essa que permite uma dinâmica dialógica da troca entre esses sujeitos (MACHADO, 2013).

Na competência de número 4, observamos que as línguas, não apenas a língua portuguesa/língua materna, devem ser compreendidas como fenômenos, sejam eles políticos, culturais, sociais, heterogêneos. Chamamos a atenção para os aspectos culturais e sociais basilares para a teoria do Círculo. A cultura é essencial para a compreensão dos enunciados, que por sua vez, compõem o discurso através dos gêneros. É na cultura que temos o chamado *cronotopo*, que diz respeito ao fato de os gêneros discursivos (enunciados relativamente estáveis) terem uma existência cultural, sendo criados em “situações cronotópicas” (MACHADO, 2013). Assim como Bakhtin (2016, p. 11) afirma que “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, entendemos que essa linguagem, como o próprio autor afirma, está inserida na cultura, que é elemento essencial para a construção dos enunciados orais e escritos, portanto os gêneros do discurso. Machado (2013, p. 159-160), aponta alguns pontos de abordagem cronotópica para a construção desses enunciados. São eles:

- 1) As obras, assim como todos os sistemas da cultura, são fenômenos marcados pela mobilidade no espaço e no tempo;
- 2) A cultura é uma unidade aberta, não um sistema fechado em suas possibilidades;
- 3) Compreender um sistema cultural é dirigir a ele um olhar extraposto;
- 4) As possibilidades discursivas num diálogo são tão infinitas quanto as possibilidades de uso da língua.

São nessas possibilidades infinitas, entendendo que a linguagem é heterogênea e multifacetada e sensível ao mesmo tempo, que é através dessas interações, em contextos sociais e culturais, tendo os sujeitos atitudes responsivas, sendo, portanto, ativos, que observamos a abertura de um espaço para as linguagens artísticas e digitais, porque a BNCC entende que as juventudes, no século atual, estão a cada dia, mais a frente do tempo presente, no sentido de, cotidianamente, estarem avançado nas várias formas e possibilidades de comunicação social, nesta nossa

sociedade organizada. Observem que tais linguagens devem ser trabalhadas nas juventudes que estão na educação básica para que a cultura (no sentido sociológico do termo) seja mantida, assim como a vida coletiva, a vida particular (porque o sujeito é social mesmo estando sozinho, sem contatos com outrem), para haver o engajamento em práticas coletivas e autorais. Para que o sujeito possa, através das linguagens se (re)fazer, se (re)significar, se (re)construir, pensar, agir, ser sempre e mais responsável pelo que é, pelo que faz, pelo que fala, assim como pelo que não quer ser, não quer fazer, não quer falar. Afinal, linguagens são formas de comunicação humanas em suas variadas dimensões.

Para Santos (2013), quando pensamos no ensino de linguagem e dos gêneros, essas questões sobre as relações com o objeto e os outros que fazem parte do texto são inquietações legítimas. Apontamos também uma necessidade de se refletir nessa relação que se dá no processo pedagógico para a compreensão do próprio gênero, do conhecimento do objeto, das convenções escolares, da interação com o docente e os discentes. Essas relações estão ligadas diretamente ao processo de leitura e escrita, em uma competência que se dá pelo processo de compreender e avaliar.

Baseada em Bakhtin, Santos (2013) afirma que não há compreensão sem avaliação. O sujeito da compreensão enfoca a obra com um conceito de mundo já formado que define as avaliações, no entanto esse sujeito não pode descartar a possibilidade de mudança e até de renúncia aos pontos de vista já deliberados. Nesse aspecto, acreditamos que o papel do docente como um outro é fundamental para o ato criativo da construção do ensino de linguagem, que pode ter como resultado um enriquecimento na compreensão da palavra alheia. O aprofundamento da compreensão torna a palavra do outro mais pessoal, porém sem mesclá-la, capacidade de identificar e encontrar com o outro desconhecido, com o novo.

Nesse sentido, se os gêneros são manifestação da cultura, é preciso entendê-los na dimensão espaço-temporal das representações e da interatividade discursiva animadas em seu interior. O gênero passa a ser a celebração das vozes na grande temporalidade das culturas e civilizações (SANTOS, 2013).

Quanto à sétima competência da BNCC, diante da pandemia mundial do COVID-19, precisamos repensá-la para uma nova situação em que a isolamento, confinamento e a própria situação de ensino e aprendizagem se configura, além das competências de professores e alunos com novos recursos digitais, a questão de acessibilidade que não é comum em grande parte da população brasileira por não se ter acesso à internet e nem um computador residencial.

Segundo Santos (2017), o que se desloca é a informação em dois sentidos: **o primeiro**, o da espacialidade física, em tempo real, sendo possível de serem acessadas através das tecnologias midiáticas de última geração. **O segundo**, pela sua alteração constante, transformações permanentes, sua temporalidade intensiva e fugaz. Velocidade, esse é o termo síntese do *status* espaço-temporal do conhecimento na atualidade. Velocidade para aprender e velocidade para esquecer. Velocidade para acessar as informações, interagir com elas e superá-las com outras inovações.

Santos (2017) já destacava que o espaço e o tempo de ensinar e aprender eram determinados pelo movimento, deslocamento até a instituição designada para a tarefa de ensinar e aprender, o tempo que o homem dedicava à formação escolar em um espaço institucional, a sala de aula. As transformações tecnológicas impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender, o estado de aprendizagem é constante, é se adaptar ao novo. Além disso, múltiplas são as agências que apresentam informações e conhecimentos a que se pode ter acesso, sem a obrigatoriedade de deslocamentos físicos até as instituições tradicionais de ensino para aprender.

Nesse sentido, não podemos falar de espaço e tempo fora ou exterior a nós. Em se tratando do que chamamos de “espaço-tempo virtual”, jamais poderíamos separá-lo de um pretense “espaço-tempo real”, pois ambos só são espaços-tempo real ou virtual em detrimento de nós, pois somos nós quem conferimos esse *status* de espaço-tempo a partir de nossas intuições acerca do que seja espaço-tempo definido pelo homem. Uma vez que não haja mais seres humanos, não haverá mais espaço-tempo, nem histórico, nem geográfico, pois são noções atribuídas a partir de nós mesmos. (SANTOS, 2017, p. 197)

É importante, por fim, mencionarmos que a partir desse contexto tecnológico tão caro à sociedade atual, mas necessário diante das situações que nos cercam, que Santos (2017), à luz de Bakhtin, e o próprio documento normativo corroboram para que a educação básica de hoje seja uma educação que prepare o educando para o futuro, para as tecnologias diversas e suas respectivas linguagens, tanto para incluir todos na sociedade que se mostra cada vez mais informatizada, quanto para preparar as juventudes para o futuro (in)certo que os espera nas próximas décadas.

#### 4 Considerações finais

Este artigo, como apresentamos na introdução, está no contexto da chamada Linguística Aplicada, certamente na terceira concepção epistemológica apresentada por Celani (1992), como fizemos questão de afirmar na análise que propomos, inserida no contexto da Educação, a fim de contribuir com a formação teórica e pedagógica dos professores de linguagens.

A BNCC é o documento que, atualmente, rege a educação básica brasileira e, certamente, o fará por alguns anos. E é de responsabilidade de qualquer professor deste segmento da educação brasileira a leitura total ou ao menos parcial (do que for do interesse para sua prática docente) para que o conhecimento legal possa vir a somar com o conhecimento pedagógico na construção das competências e

habilidades necessárias à formação do aluno enquanto sujeito social e histórico e cultural e, acima de tudo, ativo e responsável.

Defendemos, então, o conhecimento das bases do pensamento do Círculo de Bakhtin para melhor compreensão da Base Nacional Comum Curricular para que, assim, o trabalho pedagógico possa acontecer de forma ativa e responsiva, no qual educadores e educandos, por meio das linguagens, possam ser protagonistas nesse processo. A interação verbal, o dialogismo, os gêneros do discurso, o espaço, a cultura, as juventudes, o ambiente educacional, a sociedade, tudo isso deve ser levado em conta no trabalho dos componentes curriculares que constituem a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e, respondendo à pergunta que deu vida a este texto, todos esses pontos da teoria bakhtiniana podem ser vistos na BNCC, ou seja, há elos claros e contundentes da abordagem dialógica do discurso no referido documento normativo.

A análise que apresentamos aqui está longe de ser concluída, o inacabamento é preciso; no entanto, acreditamos que o social está presente e legalmente apontado. Esse social, a partir da interação verbal, com um olhar humano voltado às realidades juvenis presentes no ensino médio, certamente contribuirá com a inserção de todos os jovens numa sociedade mais justa e igualitária, como afirma a própria BNCC. Além do mais, a alteridade, o diálogo e o social tão fundamentais para o Círculo de Bakhtin somam-se ao referido documento normativo, abrindo espaço para que os educadores, sujeitos mais experientes nesse processo educacional, possam rever, repensar e ressignificar suas práticas educacionais e pedagógicas.

Outro detalhe que não podemos esquecer e que mencionamos no começo do nosso texto é a interdisciplinaridade, combinação realmente original e útil ao conhecimento científico e tão presente na LA (OLIVEIRA, 2019). A LA é outro ponto que deve ser considerado nesse trabalho que tem a linguagem como item primeiro para o desenvolvimento de toda e qualquer atividade humana, no sentido de permitir aos educandos possibilidades variadas de comunicação, de entendimento de si próprios com o outro, assim como o entendimento do outro para consigo, já que, enquanto seres sociais e organizados que somos, não estamos e nunca estaremos sozinhos, mesmo diante do avanço da cultura, das linguagens e da tecnologia que vem para ser somada a esses aspectos.

## Notas

**1** Neste momento, preferimos fazer o recorte, escolhendo apenas o ensino médio, por ser o segmento da educação básica no qual atua o primeiro autor deste artigo. Além disso, na atualidade, o primeiro autor, no seu âmbito de trabalho tem voltado seu olhar para a investigação dessa parte do referido documento oficial no sentido de capacitar/formar outros docentes da área de linguagens no ensino médio.

**2** Mencionamos Bakhtin e Volóchinov neste artigo, porque compreendemos que, no que diz respeito aos estudos dos gêneros do discurso, esses dois nomes foram os mais importantes, porque aquele escreveu o capítulo “Os gêneros do discurso” entre 1952 e

1953. Este, por sua vez, ao escrever “Marxismo e Filosofia da Linguagem” em 1929, nas três partes que compõem a obra, também apresentou considerações importantes sobre os gêneros do discurso. Neste ponto sobre Volóchinov, concordamos com Rodrigues (2004).

3 “Na BNCC, competência é definida como mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e econômicas), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p. 08)

4 Para informações referentes ao histórico e maiores detalhes sobre o processo de construção da BNCC, sugerimos o acesso do link:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Não apresentaremos esse histórico por não ser o foco deste artigo.

---

## Referências

---

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.393 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

Disponível em:<

<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017**. Conversão da medida provisória nº 746 de 2016. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em:

<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em:

<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2020.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada. In: ZANOTTO, M S. & CELANI, M. A. A. (Orgs.) **Linguística Aplicada, da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992, p. 15-23.

KLEIMAN, A. B. O ensino de línguas no Brasil. In: ZANOTTO, M S. & CELANI, M. A. A. (Orgs.) **Linguística Aplicada, da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992, p. 25-36.

MACHADO, I. Os gêneros do discurso. In.: BRAIT, B (Org). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 151-166.

MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, nº 2, p. 142-156, Jul./Dec. 2012.

OLIVEIRA, M. C. L. Apenas mais um modo de fazer Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, v. 17, nº 4, p. 699-710, Dez./2019.

ROJO, R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 253-275.

SANTOS, E. C. **Uma proposta dialógica de ensino de gêneros acadêmicos: nas fronteiras do Projeto SESA**. 418p. Tese (Doutorado) – Doutorado em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2013.

SANTOS, E. C. Multiletramentos em Arquivologia: Fundamento Informacional e Acadêmico do Projeto Sesa. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 12, p. 195-209, 2017

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais no método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

---

#### Para citar este artigo

---

DANTAS, W.; SANTOS, E. C. dos. As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin na base nacional comum curricular (BNCC). **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 3., 2020, p. 287-303



---

**Os Autores**

---

WALLACE DANTAS é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino/PPGLE da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG.

ELIETE CORREIA DOS SANTOS é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora permanente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Linguística pela UFPB. Estágio pós-doutoral em Educação Contemporânea pela UFPE.